

# Andarilho de mundos dissonantes<sup>1</sup>

Xasthur

Apresentação e tradução de Alison Silveira Morais<sup>2</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina

“Come and see how easy,  
expendable it is for human life  
to be forgotten [...] fragments of  
failure, some said it was art”  
(Xasthur)

Em sua obra “Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora” (2011), Haroldo de Campos comenta brevemente que “Não se traduz o que é linguagem num texto, mas o que é não linguagem.” (p.33). E observo essa passagem como uma referência certa e quase literal em relação ao trabalho tradutório aqui realizado e apresentado.

A intenção foi criar uma tradução intersemiótica, ou, em certa medida, uma adaptação da música e videoclipe “Walker of dissonant worlds” (2004) da banda estadunidense Xasthur para o formato de poesia livre.

Nesse momento, apesar de trazer, com razão, a definição clássica de tradução intersemiótica (ou transmutação) de Roman Jakobson que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais (p.64), me debruço também na ênfase que o autor exprime que uma tradução intersemiótica (se referindo à poesia) só é possível através de uma **transposição criativa** (p. 71 **negrito nosso**).

Desse modo, apesar da música ser somente instrumental, não havendo voz ou letras, o tom e a temática da canção, assim como o videoclipe dirigido por Robert Nusslein e editado por Ian Fleming, nos garante com uma variedade de direções para criação dessa tradução.

A banda Xasthur é pioneira do sub-gênero de Black Metal, o DSBM (Depressive Suicidal Black Metal) nos Estados Unidos, atuando desde 1995, tendo como único integrante o músico e multi-instrumentalista Scott Conner. A música escolhida também representa um posicionamento político, pois o videoclipe produzido é um compilado de vídeos e imagens curtas que expõe duros trechos da vida de moradores de rua em Los An-

---

<sup>1</sup> Adaptação e recriação da música e videoclipe “Walker of dissonant worlds” da banda de DSBM estadunidense Xasthur.

<sup>2</sup> Doutorando da PGET/UFSC.

geles. O videoclipe conta com uma figura vestida com um sobretudo e capuz preto, uma figura que observa e perambula pelas periferias e bairros mais afetados pelo abandono e pobreza, no caso, o próprio “walker of dissonant worlds”, traduzido por andarilho dos mundos dissonantes.

Embora uma tradução de uma música para o formato de poesia livre possa parecer um grande abismo, Linda Hutcheon em seu livro “Uma Teoria da Adaptação” (2011) nos fornece ferramentas para que com atenção e inventividade façamos essa descida até o fundo. Dialogando ainda com o que foi mencionado sobre posicionamento e parcialidade na escolha do objeto de tradução, Hutcheon comenta:

É claro que há uma ampla gama de razões pelas quais os adaptadores podem escolher uma história em particular para então transcodificá-la para uma mídia ou um gênero específico[...]Qualquer que seja o motivo, a adaptação, do ponto de vista do adaptador, é um ato de apropriação ou recuperação, e isso sempre envolve um processo duplo de interpretação e criação de algo novo. (Hutcheon, p. 44-45, 2011)

Munido com a convicção que essa adaptação é uma recriação válida que transita em mídias tão distintas, mas que ao mesmo tempo se cristaliza em um novo produto final, apresento a tradução a seguir.



Uma das cenas do videoclipe da música Walker of Dissonant Worlds, da banda Xasthur.

## Andarilho de mundos dissonantes

Esse ar é pesado  
Um peso anormal  
Estou no agora do futuro passado?  
Difícil acostumar, sinto-me mal

Que pedregulhos tão pequenos  
Que barra longa de ferro cortando tudo  
Sinto frio, vejo alguém, aceno  
“Sai dos trilhos, barbudo!”

Trilhos de um algo chamado “trem”  
Retiro o capuz, aceno, agradeço o aviso  
Difícil respirar, não me sinto bem  
A noite chega e já não vejo onde piso

A luz não chega nos abrigos da noite  
Abrigo daqueles moribundos transparentes  
Água cai da calha no corpo como açoite  
A vela fraquíssima, sigo em frente

Que abrigo sinistro, um corpo feminino  
Uma banheira com água da chuva  
Ela se banha e esfrega as costas de um menino  
Com a roupa suja, se enxuga

Lâmpadas piscando  
Saio dali e olho os prédios, fico tonto  
Uma criatura de branco passa resmungando:  
“Jesus! Pode me levar, tô pronto”

Ali deito, e acordo no asfalto  
Ouço alguém gritando logo à frente:  
“Isso é um assalto”  
Sinto-me doente

Mendigo? Morador de rua? papelão?  
Tapete preto?  
O que é isso? Latão?  
Mancha? Piche? Sujeira? Aberração?

Um quadrado se move e me segue com precisão incrível  
Preso naquele prédio, pisca vermelho  
Estou sendo observado? Ou sou invisível?  
Que curioso aparato aparelho

Fora da cidade não tem alimento?  
Antes tinha?

Vejo um homem paraplégico com uma placa de conhecimento:  
“A ferida de Cristo não é nada comparada com a minha”

Quem é Cristo?  
Papela? Frio? Gal?o?  
Chega! Desisto  
N?o espera, ent?o Cristo grande que ? “Crist?o?”

“Diabos!”  
Grita o homem virando a esquina  
Diabo! Diabo! Diabo!  
Roupa podre molhada de finura muito fina

Outra passa em seguida  
Enrolado em cobertura rica ainda mais fina  
Olhos de alma destru?da  
Para e chora como se fosse rotina

O dia se demora let?rgico  
Paro em frente a uma placa “Terreno baldio”  
Um anoitecer tr?gico, ou?o  
“Sai da minha casa seu vadio!”

Leio andando, e ando lendo  
“você existe pra nada” dizia outra placa  
Era um estacionamento  
Ao fundo tinha uma barraca

Haviam oito dentro dela, espa?o que falta  
Voz roca, humor enferrujado  
Aglomerados no frio da pr?pria alma  
Sigo triste abarrotado

Atravesso mais um corredor de tijolo cru  
Um velho, velho muito velho ronca e dorme  
Chuva forte, papela, seminu  
Sofrimento como uniforme

Outro chega ao seu lado  
Lhe coloca uma camiseta suja com tintas  
Três sacolas com lixo, um ovo e um enlatado  
Para duas existências famintas

Estou de volta aos trilhos que vão até o horizonte  
Embrulho no estômago, vista embaçada  
Horizonte cinza, horizonte ponte  
Cheiro podre, estrada alagada

Sinal, Sirene, Sinete, surdo  
Corro? Atordoado sigo em frente  
Uma luz brilhante aparece e muda o mundo  
Sinto-me diferente

Fast food? Frango? Cristo quente?  
Malditos insetos carregando gente  
Encontro-me num buraco ruína, respiro lentamente  
Um homem acorda, está queimado e sem dentes

Repousava sobre pedras e também segurava uma placa  
Parece estar embriagado e dormente  
A lâmina metálica opaca:  
“Seu fim está próximo, não o meu” em caligrafia deficiente

Que espiral! Que choro! Arame farpado  
muito alto, enrolado, grosso como couro  
Chama-se cerca elétrica. Retorcida, que alto!  
Protegendo o abatedouro

Sola preta, ando mudo  
Que túnel estranho e sombrio  
Molho os pés numa água barro imundo  
Esgoto? Sinto-me vazio

Ainda nesse lugar encontro outro alguém  
Empurra um carrinho de compras  
Ferrugem, frutas, vegetais, me olha com desdém  
Pêra, Pêssego, Pitanga, Pepino  
Podre. Podre. Podre. Podre  
Da feira pro lixo  
Pro carro  
Pro corpo  
Pro Abandono  
Do pouco

Sigo a luz, saio dali ofegante  
O que o irrita tanto? Chutando sacolas de moscas  
Concreto cinza, sinto-me ignorante  
Que breu solar, faíscas foscas

Uma laranja seca, uma tesoura cai e rola  
Uma bebida em uma mão, na outra uma bengala  
Alucinado, me olha “Vai embora!”  
Personagem figura torta, amassada

“El Paradiso Motel”, li com dificuldade  
Portas de ferro fechadas  
Vejo pulando de alegria um homem de meia idade  
Comemora meio copo de café com bolachas

Cidade labirinto? Em corredores se dissolve  
Um ex-soldado? Unhas longas, pés descalços  
Segura uma madeira que lembra um revólver  
Aponta para têmpera, “atira” e levanta os braços

Tem uma forca pendurada  
Na árvore no meio da praça  
Uma mulher chora amargurada  
Contando aos ventos sua desgraça

Ela pega a forca, enrola a corda  
Pendura no pescoço, como um colar  
Agora dando risada, puxa e finge que se enforca  
Passa por mim e diz: “Vamos jantar?”

Tem uma melancia nos fundos do pátio da prefeitura  
Tarde demais  
Abocanhada por outra criatura  
Brigam como animais  
comem e vão embora

Sigo meu caminho para onde não há luz nem alma brilhante  
Um descompasso frustrante  
Andarilho de mundos dissonantes

## REFERÊNCIAS

CAMPOS, Haroldo. **Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora**. 1º ed. Belo Horizonte: Viva Voz, 2011.

FLEMING, Ian. Xasthur – Walker of Dissonant Worlds. Youtube, 22 de setembro de 2010. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=kU0pOmzj70o&ab\\_channel=IanFleming](https://www.youtube.com/watch?v=kU0pOmzj70o&ab_channel=IanFleming)>. Acesso em: 02 de maio de 2023.

HUTCHEON, Linda. **Uma Teoria da Adaptação**. 1º ed. Florianópolis: EDUFSC, 2011.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1976.

JAKOBSON, Roman. **On Linguistic Aspects of Translation**. In: On Translation. Editado por Reuben Arthur Brower. Cambridge, Massachusetts, 1959.